

Evolução histórica do mobiliário no contexto rural: do séc. XIX à atualidade

Historic evolution of furniture on the rural context: from 19th century to nowadays

Torres, Pablo Marcel de Arruda; Mestre; Universidade Federal de Campina Grande
pablotorres@oi.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o mobiliário como elemento da arquitetura rural, abordando desde as fazendas de café do século XIX até a utilização contemporânea como mobília rústica. A arquitetura cafeeira se caracteriza pela influência européia, repleta de adornos e produção artesanal exclusiva. No século XX, a arquitetura rural sofre uma transformação e os móveis passam a ser mais simples e funcionais, já que o fazendeiro não vive mais no campo. Hoje em dia, a mobília rural se caracteriza por um visual simples, rústico e de baixo custo, utilizando madeira disponível na propriedade.

Palavras Chave: arquitetura rural, história do mobiliário, mobília rústica.

Abstract

The objective of that work is analyse the furniture like an element of rural architecture, approaching since coffee plantation of the 19th century to contemporary utilization like rustic furniture. The coffee architecture is characterized by European influence. The rural architecture is transformed in the 19th century and the furniture were more simple and functional because the farmer do not live at the field anymore. Nowadays, the rural furniture is characterized by a simple visual aspect, rustic and low cost, utilizing included wood from the property.

Keywords: rural architecture, furniture history, rustic furniture.

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Introdução

A arquitetura rural é uma ciência que abrange o estudo da habitação rural, arquitetura agrícola (produção), arquitetura agro-ecológica (campos cultivados), o patrimônio cultural rural, a infra-estrutura física, além do planejamento da produção e a gestão de serviços integrados (FERRÃO, 2006).

Como elemento da habitação rural, o mobiliário é um importante componente da paisagem, tanto se tratando de interiores como de exteriores. Afinal, é inconcebível imaginar uma habitação rural qualquer sem a presença de móveis para compor os ambientes e auxiliar os moradores nas atividades do dia-a-dia. Historicamente, os móveis sempre utilizaram mais tradicionalmente a madeira como material principal de fabricação.

O objetivo deste trabalho é analisar o mobiliário como elemento da arquitetura rural, sua importância na composição dos interiores de habitações, buscando suas influências desde o século XIX até a utilização contemporânea como mobília rústica.

A influência européia da Corte no século XIX

A produção arquitetônica brasileira no século XIX coloca-nos diante de um quadro de situações formais diversas, pois influências interligavam o que ocorria na Europa, na Corte (Capital) e no interior. Em meados da primeira metade do século, os grandes fazendeiros de café já haviam construído sedes imponentes para a época, incorporando traços de uma arquitetura Neoclássica em voga na capital do país, o Rio de Janeiro. A arquitetura da época migrava entre o colonial, o ecletismo e o neoclassicismo. Foi a época do apogeu do estilo clássico, do nascimento do movimento romântico, juntamente com remanescentes do barroco e do rococó, para então a arquitetura mesclar-se no que se denomina ecletismo. O ecletismo era a cultura arquitetônica de uma burguesia moderna, progressista e inovadora (LUZ, 2006).

Se as alterações exteriores foram poucas, foi na arquitetura de interiores que as residências rurais conseguiram reproduzir os casarões da capital do país. Assalhos bem encerados; pinturas murais decorativas, ora representando paisagens; papéis de parede importados, forros bem elaborados; janelas e portas almofadadas; e todo tipo de objetos de decoração e mobiliário, que eram os mesmos das melhores casas da Corte (BENINCASA, 2006).

A mobília passa a apresentar certo refinamento, um desenho mais cuidadoso, incomum até então. Torna-se comum o emprego de elementos da arquitetura greco-romana, como a simetria. Nessa época, os móveis ou eram trazidos do exterior ou fabricados em pequena escala em marcenarias da Corte. Cada móvel era único, sem a visão de reprodução em massa que surgiria anos depois. O marceneiro cuidava com esmero de cada detalhe da peça, geralmente repleta de adornos esculpidos na madeira e que demoravam até meses para serem concluídos. As peças eram de qualidade superior e quanto mais adornos e peso elas possuíam, melhor e mais valiosas eram consideradas. Os marceneiros chegavam a envernizar e lustrear partes secundárias dos móveis, onde as pessoas dificilmente tinham acesso, como fundos de mesas ou a parte traseira dos armários. Todo esse tratamento artesanal encarecia as peças, de

maneira que apenas as famílias burguesas poderiam desfrutar dessa mobília de maior qualidade.



Figura 1 - Sala de jantar, Fazenda Palmital, início do séc. XX. Ibaté-SP
(Fonte: Acervo Faz. Pinhal, São Carlos-SP).

A partir de fins do século XIX, a planta da casa também se altera: ocorre uma violenta segmentação do espaço e a casa passa a ser dividida em zonas, que são subdivididas em inúmeras salas e saletas destinadas ao convívio social. Surgem os corredores, destinados ao trânsito interno pelas várias alas da casa, sem a percepção do visitante, proporcionando que essas novas casas fossem abertas para inúmeras recepções. Aos poucos, a vida social nas fazendas foi adotando os mesmos hábitos das grandes cidades do Império (BENINCASA, 2006). Consequentemente, a mobília também sofre alterações: móveis que tinham funções generalistas passam a ser próprios para cada ambiente e sua subdivisão. A sala de jantar era o maior dos cômodos e fazia a comunicação entre as três zonas da casa: social, íntima e de serviços, além de quase sempre ter acesso direto aos fundos da edificação, o que significa dizer, aos jardins e ao pomar. Funcionava quase como uma grande praça e foi sem dúvida um dos cômodos mais importantes da casa rural. Era grande, confortável e espaçosa, mobiliada com cristaleiras, buffets, e centralizada na mesa, geralmente grande e cheia de cadeiras para abrigar toda a família (Figura 2).

O início da transformação da mobília rural no século XX

Nas primeiras décadas do século XX, com o desenvolvimento regional e tecnológico, sobretudo a construção de linhas de trem no interior para o escoamento da produção de café e o desenvolvimento do automóvel, a arquitetura começa a sofrer uma transformação que, como consequência, afetaria a mobília utilizada no ambiente rural desse período e influenciaria o mobiliário rural contemporâneo.



Figura 2 - Sala de jantar, Faz. Resgate, Bananal-SP (BENINCASA, 2006).

A facilidade de locomoção, agora através de automóveis, possibilitava o rápido deslocamento entre as fazendas e as cidades, e facilitava a administração de várias propriedades. Foi comum o fato de um mesmo proprietário ter várias fazendas. Logo, a fazenda deixa de ser a moradia do fazendeiro e já não é o local de recepções, estas transferidas para o ambiente urbano. Com isso, sua arquitetura já não ostenta tanto a riqueza de seu proprietário. As sedes das primeiras décadas do século possuem uma arquitetura singela, em que desaparecem os adornos; pode-se dizer que se trata de uma arquitetura muito prática e funcional, destinada prioritariamente ao trabalho e não tanto à moradia, pois o proprietário de fazenda já não morava mais no campo. Em geral, o programa das casas rurais dessas regiões, por se tratarem de casas de curta permanência, é simplificado. Já não há salas em profusão como no século XIX; possuem o estritamente necessário para uma pequena e confortável estada (BENINCASA, 2006).

A mobília acompanha essa transformação e passa a ser bem mais simples, reflexo também do período de desenvolvimento industrial. Os ambientes se transformam em espaços funcionais e de trânsito, mas com uma mobília que preservava o conforto e o estilo. Os marceneiros locais começam a desenvolver móveis mais adaptados à realidade local, com menor influência dos estilos europeus, o que culminaria com o surgimento do móvel Moderno Brasileiro, na década de 40.

Fazendo um contraponto com a sala de jantar do século XIX, grande e suntuosa, a sala de jantar da residência rural do século XX é muito mais simples e funcional; ainda são utilizadas peças como cristaleiras e *buffets*, agora sem adornos ou peças supérfluas, e de tamanho muito menor, acomodando apenas as louças e equipamentos domésticos que são utilizados diariamente. A mesa de jantar sofre a maior transformação: seu tamanho é drasticamente reduzido e, como a família não mora mais na fazenda, a quantidade de cadeiras disponíveis também é reduzida, de modo que o fazendeiro tivesse apenas o suficiente para acomodar a si próprio e a algumas poucas visitas (Figura 3).



Figura 3 - Sala de Jantar, Solar Monjardim, Vitória – ES (BENINCASA, 2006).

Mobília Rural Contemporânea

A mobília rural contemporânea evoluiu seguindo os princípios de simplificação e funcionalidade verificados desde o início do século XX. Apesar de algumas propriedades utilizarem uma mobília mais cuidadosa e confortável, podemos dizer que nos dias atuais a tendência para os móveis para o meio rural é da facilidade máxima de produção em nome da funcionalidade. A marcenaria é bem menos cuidadosa, adotando técnicas utilizadas em construções rurais, como a utilização de parafusos, pregos e grampos de grande porte para união de partes. O usuário passa ainda menos tempo no ambiente rural, o que torna os produtos menos confortáveis. Em compensação, os móveis são funcionais e o custo de produção é mínimo, visto que na maioria das vezes os processos de produção são reduzidos e se utiliza a madeira disponível na propriedade rural.

O que se pode ver de uma maneira geral é que os móveis aproveitam a forma natural da árvore, caracterizando a simplificação da produção. A mobília apresenta muitas vezes peças em forma cilíndrica ou semi-cilíndrica. Simplesmente serrando-se uma tora em sentido radial ou transversal, obtêm-se uma peça com uma superfície reta no seu plano superior, podendo ser utilizada como assento para um banco ou tampo de mesa (figura 4). As peças são unidas com cola e/ou parafusos, pregos ou grampos, fortes, e muitas vezes aparentes, recebendo tratamento e acabamento depois de finalizadas.



Figura 4 - Mesa e banco no ambiente rural contemporâneo.

Outra transformação que pode ser identificada é que esse mesmo tipo de móvel acaba sendo versátil a ponto de poder ser utilizado tanto na composição de interiores, como salas e cozinhas, como também em exteriores, em jardins e churrasqueiras. Se a madeira receber o devido tratamento, pode constituir uma peça de grande durabilidade e resistência, que pode combinar bem com a paisagem natural.

Conclusão

Assim como a arquitetura urbana, a arquitetura rural é um reflexo do comportamento e da história de uma sociedade, em uma dada região e/ou período da história. Os móveis refletem uma realidade arquitetônica através das formas, cores, detalhes, tecnologia, sistemas de construção e, sobretudo, a realidade comportamental das pessoas. O mobiliário é um elemento de construção rural que tem relação direta com o usuário, através da sua funcionalidade, transparecendo também um estilo de design, de arquitetura, reflexo dos habitantes no meio rural.

Referências

BENINCASA, Vladimir. **O patrimônio arquitetônico rural em São Paulo, Brasil, 1800-1940**. In: I Seminário de História do Café: História e Cultura Material – Museu Paulista USP. São Carlos: 2006.

FERRÃO, André M. A. **Arquitetura Rural**. In: 3º Congresso Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural. Campinas: 2006.

LUZ, Maria L. **Arquitetura, patrimônio e cultura: as fazendas de café do Vale do Paraíba do Séc. XIX**. In: I Seminário de História do Café: História e Cultura Material – Museu Paulista USP. São Carlos: 2006.